

RIVAIS SE APROXIMAM NO PESSIMISMO

Lydia Medeiros

Da equipe do **Correio**

Maria da Conceição Tavares e Antônio Kandir estão em campos opostos. Ela é petista e ele é tucano. Mas se respeitam e se tratam carinhosamente, apesar do tom exaltado que marca a deputada e da voz mansa do ex-ministro. Nunca concordam em nada. Mas ontem, ao falar dos próximos meses no Brasil, pareciam um pouco mais próximos.

Para definir o ano de 1999, a palavra "tragédia" foi a expressão mais branda encontrada por Conceição. "A Nação está acabando", lamentou a deputada, emocionada, em seu último discurso no Congresso, para uma platéia de secretários de finanças de vários estados na comissão especial da reforma tributária.

Kandir preferiu falar em "economia de guerra". Numa reunião com a bancada do PSDB, na semana passada, desencorajou os colegas a traçarem um cenário otimista de curto prazo, falando em redução de taxas de juros. E admitiu a dificuldade dos políticos para explicar ao cidadão comum que as coisas vão demorar muito a mudar.

Citou, como exemplo, a vota-

ção do projeto de taxaçoão dos servidores públicos aposentados e pensionistas para a Previdência, transformada em símbolo pelo governo e em termômetro da confiabilidade do país no exterior. Sem essa contribuição previdenciária, Kandir compara o cenário ao efeito devastador de uma bomba atômica. Mas reconhece que, aprovado o projeto, a inflação continuará em ascensão, os juros idem e o câmbio oscilante.

CORTES

Fiéis a seus estilos, Kandir e Conceição concordam que o ajuste fiscal acertado com o Fundo Monetário Internacional já é insuficiente para dar fôlego ao país. Para ele, o governo não poderá escapar de novos cortes de gastos. Sequer arrisca calcular o quanto será preciso economizar. A conta exige acompanhar por mais tempo a tendência da variação do câmbio, das taxas de juros e, sobretudo, da saída de capitais do país. Se continuar na mesma proporção, acima de US\$ 250 milhões ao dia, será o sinal claro para mudanças profundas no governo. A pressão política não deixará muitas escolhas ao presidente Fernando Henrique Cardoso.

"A União não pode pagar o

rombo fiscal que significaram essa desvalorização de 30% e a alta de juros nem que mate a população de fome. O governo fará uma moratória técnica quando as reservas chegarem a US\$ 20 bilhões. Esperávamos isso para março, mas acho que será este mês porque só temos US\$ 22 bilhões", declarou Conceição. Ela calculou em US\$ 13 bilhões o prejuízo do governo com a desvalorização do real por conta dos títulos cambiais e dos títulos da dívida externa pública. E em outros US\$ 30 bilhões pelos títulos internos da União em mercado. "Não há ajuste possível."

Mas Kandir contesta os números da colega. Segundo ele, as reservas, sem o dinheiro do FMI, devem estar em US\$ 29 bilhões, e o efeito dos juros não foi tão intenso. "Essa é uma conta estática. Acho que dá para dividir por três." No dia em que Gustavo Franco deixou o Banco Central e o governo deu o primeiro passo para mudar a política cambial, Kandir e Conceição se enfrentaram no Salão Verde da Câmara. Ela, aos gritos. Ele, tentando acalmá-la. Em vão. Conceição preferiu encerrar a conversa: "Tô p..., Kandir. É melhor parar, em nome dos velhos tempos".